



RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE SURDOS

Lilian Cristine Ribeiro Nascimento¹
Caroline Spagnolo Rosseti²
Julia Silva Pereira³
Stéfanie Anastácia de Sousa⁴
Nima Spigolon⁵

O pretendido neste trabalho é traçar algumas contribuições do Programa de Residência Pedagógica, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no escopo da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), pautado na organização criteriosa de práticas, teorias e compromisso com a formação humana, crítica e política para a formação inicial de professores, circunscrito ao subprojeto Pedagogia/Filosofia. Esse trabalho dá ênfase aos percursos formativos e entrelaçados de 03 professores coordenadores, 03 preceptores e 15 bolsistas, que apresentam suas próprias experiências e seus processos reflexivos a partir de atividades educacionais nos dois campos de inserção do subprojeto: educação de surdos e educação de jovens e adultos. O objetivo do subprojeto é o desenvolvimento de atividades educacionais em duas escolas com públicos específicos: educação de surdos e educação de jovens e adultos. No presente trabalho, relatamos apenas a experiência de atuação na EMEF Júlio de Mesquita Filho, escola polo de educação bilíngue. Essa escola municipal atende a alunos surdos e ouvintes. Nos anos iniciais os alunos estudam em salas com docência compartilhada, o que significa a presença de dois professores: um denominado regente e outro professor bilíngue, sendo o segundo fluente em língua de sinais. A temática das atividades se voltou à reflexão das relações étnico-raciais a partir de práticas educativas, culturais e artísticas. Concordamos que “a educação das relações étnico-raciais impõe aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de

¹Docente do curso de pedagogia da Universidade Estadual de Campinas - SP, lilianrn@unicamp.br

² Graduanda do Curso de pedagogia da Universidade Estadual de Campinas - SP, c232973@dac.unicamp.br;

³Graduanda do Curso de pedagogia da Universidade Estadual de Campinas - SP, j176076@dac.unicamp.br

⁴ Graduanda do Curso de pedagogia da Universidade Estadual de Campinas - SP, s188223@dac.unicamp.br;

⁵ Professor orientador: Doutora, docente do curso de pedagogia da Universidade Estadual de Campinas – SP, nima@unicamp.br



desconfianças, projeto conjunto para construção de uma sociedade justa, igual, equânime” (BRASIL, 2008). Tomamos como referência os autores Frantz Fanon (1979) e Renato Nogueira (2012), que deram sustentação teórica e epistemológica às discussões e realizações dos trabalhos desenvolvidos em sala de aula.

Levando em consideração a temática do Programa de Residência Pedagógica, a saber: a reflexão sobre as relações étnico-raciais, objetivou-se por meio deste plano de atuação propor atividades teórico-práticas integradas que perpassam por temas como identidade, ancestralidade, territórios e pertencimento.

A base epistemológica deste trabalho é uma educação pluriversal, como afirma Nogueira (2012, p. 62) que considera que “o acesso às instituições de ensino é um direito social de todas as pessoas e, ao mesmo tempo, o respeito às diferenças exige a diversidade de narrativas, de lógicas e epistemologias no currículo”. Portanto, nesse trabalho, buscamos refletir como as práticas educacionais podem proporcionar às crianças uma reflexão sobre a equidade e a prática da interculturalidade dentro e fora da escola.

Levando em consideração a temática do Programa de Residência Pedagógica, a saber: a reflexão sobre as relações étnico-raciais, objetivou-se por meio deste plano de atuação propor atividades teórico-práticas integradas que perpassam por temas como identidade, ancestralidade, territórios e pertencimento.

A metodologia deste trabalho se ancora na abordagem da pesquisa participativa, que “implica necessariamente a participação, tanto do pesquisador no contexto, grupo ou cultura que está a estudar, quanto dos sujeitos que estão envolvidos no processo da pesquisa” (SOARES; FERREIRA, 2006, p. 96). Portanto, relatamos as reflexões a partir das atividades que desenvolvemos em torno de 2 eixos: “Território Africano e Ancestralidade” e “Da África ao Brasil”. As atividades desenvolvidas foram leituras, brincadeiras e oficinas de criação de brinquedos. Todas as propostas foram realizadas em língua portuguesa com tradução para Libras pela professora bilíngue. O público-alvo foram as crianças da sala do quarto ano, composta por 16 alunos ouvintes e 5 alunos surdos.

Por meio da leitura, da realização das brincadeiras e da oficina de criação, buscamos construir a compreensão da África como continente, com seus diversos países, com diferenças e semelhanças culturais. O livro escolhido para promover o contato com a cultura africana foi “*Ndule Ndule assim brincam as crianças africanas*”, de Rogério Andrade Barbosa (2011). O livro possui brincadeiras de 6 países do continente africano. Nessa atividade, as crianças pintaram o mapa do país africano correspondente à





brincadeira escolhida pelo grupo. Essa proposta proporcionou a compreensão do território da África com unidade territorial formando um continente. As Brincadeiras escolhidas foram: *Mamba*, *Graveto* e *Ndule Ndule*⁶.

As atividades referentes ao eixo 1 (Território Africano e Ancestralidade) foram concluídas com a oficina de criação. Nessa oficina, as crianças construíram, com a orientação das residentes⁷, um brinquedo de origem africana: o abayomi, que são bonecas artesanais de tecido, feitas com sobras de pano, apenas com amarrações, sem cola ou costura. As bonecas são sempre negras.

No eixo 2, “Da África ao Brasil”, a partir de leituras, discussões e atividades, buscamos tecer uma compreensão de ancestralidade, aproximando a cultura e a história do continente africano com o Brasil. (resistência, cultura, colonização); O livro utilizado foi “*Guardiães de memórias nunca esquecidas*”, escrito por Otávio Rodrigues (2021) e ilustrado por Roberta Nunes. O livro utiliza o imaginário da criação e dos sentimentos e realiza um resgate da energia das raízes africanas e de como esse movimento traz significado para as subjetividades e coletivos.

Foi notório o envolvimento e interesse das crianças em participar das atividades sugeridas por nós, residentes. As atividades geraram diversas reflexões e aprendizados no âmbito coletivo, quando buscamos, após as atividades, realizar momentos de trocas e reverberações para identificar e refletir sobre os trabalhos. Alguns dos aspectos que pudemos perceber foram inícios de movimentos importantes. São eles: o de reconhecimento étnico-racial, viabilizado com uma atividade de autorretrato com lápis de diversas cores de pele, e da construção de uma compreensão da África como continente ao lermos sobre contos de países africanos falantes da língua portuguesa e vivermos as brincadeiras com as crianças. A partir das narrativas de histórias, brincadeiras e confecção

⁶*Mamba*: uma criança é escolhida para ser a serpente e os outros participantes devem fugir da cobra, sem sair de um grande círculo desenhado no chão. Assim que a cobra pega alguém, o mesmo deve segurar o ombro e passa a ser parte do corpo da serpente. A perseguição acontece até a cobra ter uma longa cauda.

Graveto: Fincar um graveto num monte de areia ou terra. Cada criança tira um punhado do montinho, tomando cuidado para não derrubar o graveto. Aquele que deixar o graveto cair, é eliminado. O monte de areia é refeito, e tudo recomeça até os participantes serem desclassificados um a um, restando apenas um vencedor.

Ndule Ndule: Um grupo de crianças senta-se ao longo de um comprido banco, ou cadeiras enfileiradas. Uma delas, em pé, percorre a fileira cantando *ndule ndule*, ao mesmo tempo, batendo com uma das mãos nos joelhos das crianças sentadas. Cada criança sentada deve se levantar, ao ser tocada, com o pé ao ar e permanecer.

⁷ Residente é a denominação das graduandas que participam do Projeto Residência Pedagógica



de bonecas da cultura africana, as crianças vivenciaram o contato com a diferença, permitindo uma reflexão sobre a influência da cultura africana no nosso cotidiano.

Para finalizar, ressaltamos que nesse trabalho desenvolvido na escola pública EMEF Júlio de Mesquita Filho, no município de Campinas, SP, em uma sala que inclui alunos surdos e ouvintes, o tema da Africanidade pode ser trabalhado de maneira lúdica a partir de leituras, discussões com os alunos, brincadeiras e criação de brinquedos. Os trabalhos basearam-se na lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". O referido trabalho permitiu conhecer as concepções acerca da profissão docente e das práticas formativas que as cercam, reiterando sua relevância para o cenário da educação pública deste país. Foi possível perceber que a aprendizagem desses novos conteúdos atingiu a todos os estudantes uma vez que a Libras permitiu o acesso dos alunos surdos a todas as atividades.

A experiência da Residência Pedagógica possibilitou vivências únicas para as graduandas. Os processos de planejamento pedagógico, nos quais planejamos atividades a serem realizados em sala de aula, permitem momentos de maior autonomia, que trazem mais bagagem e confiança para vivenciar tudo aquilo que a vida de professoras formadas, que logo chega, tem a oferecer.

Nas palavras de Paulo Freire (2004, p. 142), "A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria". A escola é um ambiente de excelência do processo educativo, nela decorrem múltiplas aprendizagens, na medida em que são múltiplos os sujeitos, ao nos apegarmos mais ao processo do que ao produto, poderemos enfim conceber uma prática real e significativa, que esteja centrada na articulação dialética entre ação-reflexão-ação.

As discussões e a constante interação com os professores coordenadores, preceptoras, colegas e crianças, possibilita, além de um contato com novas leituras e embasamentos teóricos, um movimento para alcançar o projeto de educação que acreditamos.

Palavras-chave: Africanidades; Educação de surdos; Educação das relações étnico-raciais





Referências:

BARBOSA, Rogério Andrade. **Ndule Ndule**: assim brincam as crianças africanas. São Paulo: Melhoramentos, 2011.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

FRANTZ, Fanon. **Os condenados da terra**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004 (Coleção leitura).

NOGUERA, Renato. Denegrindo a educação: Um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 18: maio out/2012, p. 62-73.

RODRIGUES, Otávio. **Guardiães de memórias nunca esquecidas**. São Paulo: Estrela cultural, 2021.

SOARES, Leandro Queiroz; FERREIRA, Mário César. Pesquisa participante como opção metodológica para investigação de práticas de assédio moral no trabalho. **Rev. Psicol., Organ. Trab.**, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 85-109, dez. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572006000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 31 ago. 2023.

